

**uepb**

Universidade

**ESTADUAL DA PARAÍBA**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**CURSO DE GEOGRAFIA DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**ANA CLÁUDIA ARAÚJO DINIZ**

**PROSTITUIÇÃO NO CENTRO DE CAMPINA GRANDE-PB: CARTOGRAFIA  
DE UMA TERRITORIALIDADE MARGINAL**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2012**

**ANA CLÁUDIA ARAÚJO DINIZ**

**PROSTITUIÇÃO NO CENTRO DE CAMPINA GRANDE-PB: CARTOGRAFIA  
DE UMA TERRITORIALIDADE MARGINAL**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Geografia.

ORIENTADOR: Prof. Ms. Arthur Tavares Valverde

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

D585p

Diniz, Ana Cláudia Araújo.

Prostituição no centro de campina grande-pb  
[manuscrito]: cartografia de uma territorialidade marginal /  
Ana Cláudia Araújo Diniz. – 2012.

45 f.: il.: color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Me. Arthur Tavares Valverde,  
Departamento de Geografia”.

1. Territorialidade Flexível 2. Prostituição e Poder 3.  
Interrelações Sociais I. Título.

21. ed. CDD 304.23

ANA CLÁUDIA ARAÚJO DINIZ

**PROSTITUIÇÃO NO CENTRO DE CAMPINA GRANDE-PB:  
CARTOGRAFIA DE UMA TERRITORIALIDADE MARGINAL**

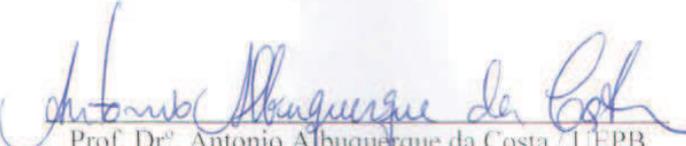
Monografia apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciada.

Aprovada em: *26/06/12*

Nota: *NOVE*

  
Prof. Ms. Arthur Tavares Valverde / UEPB  
Orientador

  
Prof. Ms. Luiz Arthur Pereira Saraiva / UFPE / UFCCG  
Examinador

  
Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa / UEPB  
Examinador

Dedico este trabalho a meu pai Hilário Suassuna Diniz (*in memoriam*), que infelizmente não teve a oportunidade de me acompanhar nesta longa caminhada.

## AGRADECIMENTOS

Minha gratidão e carinho as jóias mais preciosas que tenho em minha vida, Maria Dolores Suassuna Diniz e Francisca Suassuna Diniz, que me ensinaram a ter força e determinação para nunca desistir dos meus objetivos. À minha amada irmã Ana Paula, que sempre tem a palavra certa para me confortar nos momentos em que mais preciso.

Não poderia também deixar de mencionar Alvay Suassuna Nóbrega e Danilo Nóbrega, que me deram o alicerce necessário para que pudesse me estabilizar em Campina Grande, enfim, a todos os familiares que se fizeram presentes ao longo de minha jornada meus sinceros agradecimentos.

Agradeço a Faustino Teatino Cavalcante Neto pela compreensão, dedicação, apoio e complicidade.

Ao meu orientador Arthur Valverde pela paciência, dedicação, empenho e por acreditar no meu trabalho. Assim como tive a oportunidade de conhece-lo, que muitos outros alunos também tenham a oportunidade e o prazer de tê-lo em seus caminhos.

Como não poderia ser diferente, minha eterna admiração e amizade a Caline Mendes de Araújo e a Josefa Célia Rodrigues Silva grandes personalidades e amigas. Espero sempre manter esse laço de amizade independentemente da distância que estejamos umas das outras. Gostaria também de agradecer aos demais componentes da turma 2007.2 que fizeram parte não só da minha vida acadêmica durante os cinco anos do curso, e que foram essenciais para meu crescimento pessoal e intelectual.

Aos professores do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que contribuíram de forma singular para minha formação acadêmica, sobretudo a algumas personalidades que possuem grande determinação, e que me seve de exemplo do que é ser professor: Maria Margarida Guimarães Magalhães, Lincoln da Silva Diniz, Arthur Tavares Valverde, Kátia Passos, Antonio Albuquerque da Costa e Kelly Faustino do Nascimento.

Aos coordenadores do Centro Interativo de Prevenção, Mobilização e Aconselhamento aos Profissionais do Sexo (CIPMAC), e a psicóloga do Centro de Referência Especializada de Assistência Social (CREAS) Márcia Candelária da Rocha, que me forneceram parte do material necessário para concretização deste trabalho. Peço desculpas á aqueles que não citei aqui, mas que direta ou indiretamente contribuíram para que este momento se tornasse possível. A todos meu agradecimento.

O que se pode esperar da educação tradicional, senão que constitua indivíduos padronizados, dóceis e profundamente autoritários? É para isso que serve a escola burguesa: para fazer as pessoas aceitarem cegamente as normas estabelecidas, para inculcar valores sociais e morais da classe dominante, para produzir e reproduzir indivíduos concebidos à sua imagem. E isto através de relações autoritárias, punitivas, coercitivas, estabelecidas entre professores, de um lado, e de alunos, de outro. A escola não nasceu para disciplinar, como afirma Ariès? (Rago, 1985)

## RESUMO

DINIZ, Ana Cláudia Araújo. **Prostituição no centro de Campina Grande-PB: cartografia de uma territorialidade marginal**. 2012. Monografia (Graduação). Curso de Licenciatura Plena em Geografia. CEDUC/UEPB. Campina Grande-PB, 2012.

O presente trabalho pretende identificar e analisar as territorialidades flexíveis/cíclicas da prostituição existentes atualmente na área central da cidade de Campina Grande – PB, onde foi investigado os fatores que levaram ao processo de formação destes territórios juntamente com a identificação das principais áreas de atuação, e o alto grau de flexibilidade crescente e/ou decrescente desses territórios de 1920 até os dias atuais, tendo como parte da pesquisa o processo de segregação socioespacial evidente nesses espaços enquanto territórios marginais. A discussão desta temática terá a princípio enfoque em algumas categorias-chave da Geografia, porém a que mais se destaca é a categoria de território - o cerne da discussão desta pesquisa - onde através de um breve recorte histórico faremos uma identificação das áreas com alto índice de prostituição no centro da cidade. Nota-se que, a partir de modificações espaço-temporais têm-se a existência de territórios periódicos e instáveis, os chamados territórios flexíveis, constituindo um leque de territorialidades marginais, que através das relações de poder que ali são estabelecidas vêm ocupando cada vez mais os territórios “tradiccionais” da cidade. Portanto, o território juntamente com sua diversidade de territorialidades serão analisados para que se possa explicar a dinamicidade dos territórios da prostituição, pois cada um destes territórios apresentam características peculiares para sua formação e permanência, pois a instabilidade que os mesmos apresentam faz com que haja uma diversidade de escalas, nas quais constroem-se e desconstroem-se territórios de acordo com a necessidade de ampliação da área de poder, e de acordo com as mudanças que ocorrem na cidade. A territorialidade que mostra-se a partir do apoderamento de certos espaços públicos também possui uma diversidade de territórios de classes econômicas diferenciadas limítrofes, e quase interpoladas. Portanto, presumi-se que as dinâmicas socioespaciais servem de catapulta tanto para a origem e expansão dessas territorialidades quanto para sua extinção.

**PALAVRAS CHAVE:** Territorialidade flexível; poder; interrelações sociais.

## ABSTRACT

Diniz, Ana Claudia Araújo. **Prostitution in the center of Campina Grande-PB: mapping a marginal territoriality.** 2012. Monograph (Undergraduate). Full Degree Course in Geography. CEDUC / UEPB. Campina Grande-PB, 2012.

The present work aims to identify and analyze the territorialities flexible / cyclic prostitution currently existing in the central area of the city of Campina Grande - PB, where he investigated the factors that led to the formation of these territories, along with identification of key areas, and high degree of increased flexibility and / or decreasing these territories from 1920 until the present day, and as part of the research process segregation evident in these spaces as marginal areas. The discussion of this issue will initially focus on some key categories of geography, but what stands out most is the category of territory - the core of the discussion of this research - where through a brief historical overview we will identify areas with high of prostitution in the city center. Note that, as from the spatio-temporal changes have been the existence of unstable periodic and territories, the so-called flexible territories, representing a marginal range of territoriality, that through the power relations that are established there have been occupying more territories "traditional" city. Therefore, the territory along with its diversity of territoriality will be analyzed so that we can explain the dynamics of the territories of prostitution, because each of these areas have characteristics peculiar to their training and stay, because they show instability that causes there to be a range of scales in which build up and to deconstruct territories according to the need to expand the field of power, and in accordance with the changes taking place in the city. The territoriality that shows up from the seizure of certain public spaces also has a variety of different economic classes territories of neighboring and almost interpolated. Therefore, I assumed that the socio-spatial dynamics of catapult serve both the origin and expansion of territoriality and to their extinction.

**KEYWORDS:** Territoriality flexibility, power, social interrelationships.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. Territórios marginais e prostituição: um estudo de caso na cidade de Campina Grande .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Breve abordagem conceitual: espaço, lugar e território .....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 Territórios marginais: segregação e prostituição em Campina Grande .....</b>	<b>16</b>
<b>2. Campina Grande: urbanização e espaços de prostituição na área central ....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 Urbanização e multiterritorialidade da prostituição em Campina Grande: breve resgate histórico .....</b>	<b>24</b>
<b>2.2 A prostituição na área central: resquícios, rugosidades e dinâmica atual .....</b>	<b>29</b>
<b>3. Os espaços de prostituição nos dias atuais em Campina Grande: ruas, feira e parque do Açude Novo .....</b>	<b>32</b>
<b>3.1 Territorialização da prostituição e algumas características .....</b>	<b>32</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	
<b>REFERÊNCIAS</b>	

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto a análise dos territórios flexíveis/cíclicos de prostituição existentes no Centro da cidade de Campina Grande – PB, no período atual, onde se pode observar as diversas “barreiras” abstratas neles contidas e a instabilidade que estes espaços apresentam. Nota-se também que esta problemática possui grande amplitude na historiografia, e inúmeros referenciais teóricos de outras áreas por ser uma questão social que existe/persiste há séculos com suas diversidades e níveis.

A discussão desta temática terá a princípio enfoque em algumas categorias-chave da Geografia como espaço, lugar e território. Destas, a categoria de território é a que se destaca no cerne da discussão desta pesquisa. Portanto, o território, juntamente com sua diversidade de territorialidades, será analisada para que se possa explicar a dinamicidade dos territórios da prostituição que são tidos como “instáveis”, “periódicos” e “marginais”, e que vêm ocupando cada vez mais espaço na cidade.

Observa-se que os territórios flexíveis/ciclicos da prostituição surgem em localidades específicas com características de “segregação socioespacial”<sup>1</sup>, e que de acordo com Santos (1994) caracterizam-se como “espaços múltiplos”, pois apresentam uma grande dinamicidade territorial, evidenciando as relações de poder existentes entre indivíduos inseridos dentro e fora desses territórios, para que os mesmos possam fixar-se, disputar, ampliar e demarcar estes espaços.

Historicamente os (as) profissionais do sexo são indivíduos segregados sócio-espacialmente pela sociedade, que procura aparentemente manter a moral e os princípios “estabelecidos” pelo patriarcalismo de outrora. Por esses fatores pré-estabelecidos os (as) profissionais do sexo são excluídos(as) por serem aos olhos da sociedade desviantes das normas pré-estabelecidas.

---

<sup>1</sup> Percebendo a pobreza associada à disponibilidade de recursos, “recurso” deve ser visto na sua acepção mais ampla, o que inclui, no nosso entender, a própria dimensão espacial, ou seja, o território como “recurso”, inerente a nossa reprodução social. Com isto partimos do pressuposto de que toda pobreza e, com mais razão ainda, toda exclusão social, é também, em algum nível, exclusão socioespacial e, por extensão, exclusão territorial – isto é, em outras palavras, “desterritorialização”. Desterritorialização, aqui, é vista em seu sentido “forte”, ou aquele que podemos considerar o mais estrito, a desterritorialização como exclusão, privação e/ou precarização do território enquanto “recurso” ou “apropriação” (material e simbólico) indispensável à nossa participação efetiva como membros de uma sociedade. Cf. HAESBAERT (2010).

Para a realização da pesquisa usar-se-á fontes históricas que nos forneceram relatos acerca da história da prostituição na cidade que nos levam ao início do século passado, referências bibliográficas para a colocação conceitual da pesquisa, como também registros de imagens, entrevistas com órgãos públicos e ONG's que trabalham com a prostituição na cidade, que nos deram suporte para o reconhecimento das áreas a serem exploradas , e com os próprios profissionais para que possamos ter uma melhor compreensão de como se dá o processo de expansão e recuo dos territórios da prostituição em análise nesta pesquisa.

O trabalho será dividido em três capítulos, onde o primeiro abordará algumas questões acerca da temática da prostituição na cidade de Campina Grande através de um breve recorte histórico, e a definição das categorias geográficas, que se correlacionam com a temática no decorrer do trabalho. Em seguida discute-se a questão dos territórios classificados como marginais a partir de estereótipos sociais em conjunto com a ação segregatória que esses espaços enfrentam juntamente com as modificações urbanísticas ocorridas em Campina Grande no início do século XX. E por último apresentar os atributos e as peculiaridades relacionadas a cada uma das “modalidades” de prostituição que ocorrem no centro de Campina Grande analisando também as relações socioeconômicas estabelecidas em cada espaço.

Pondera-se que a relevância deste trabalho parte do pressuposto da análise espacial dos territórios da prostituição que historicamente possuem modificações espaço-temporais em diversas escalas ao longo do último século, onde através de um breve recorte histórico foi realizada uma identificação das áreas com alto índice de prostituição no centro da cidade e sua classificação em níveis estabelecidos conceitualmente, portanto, não teremos como foco a questão puramente social que nos levaria a questionarmos outros que ficarão para análises futuras acerca destes espaços.

## **4. Territórios marginais e prostituição: um estudo de caso na cidade de Campina Grande**

O objetivo principal desse capítulo é tecer algumas considerações acerca da temática da prostituição no município de Campina Grande – PB, realizando um breve recorte histórico para analisar as transformações ocorridas na área central da cidade da década de 1930 até os dias atuais, com relação aos espaços considerados como territórios marginais, que resistem nas mais variadas formas. No primeiro momento serão definidas as categorias geográficas, que se correlacionam com a temática no decorrer do trabalho, especificamente espaço, lugar e território. No segundo momento discute-se a questão dos territórios classificados como marginais a partir de estereótipos sociais em conjunto com a ação segregatória que esses espaços enfrentam.

### **4.1 Breve abordagem conceitual: espaço, lugar e território**

A geografia enquanto ciência possui como referencial três conceitos principais que servem como suporte para a observação e estudo desta ciência nas mais diversas escalas, que são: espaço, lugar e território. Os mesmos serviram de base para a temática que será problematizada na pesquisa em questão, pois cada um desses conceitos possui um papel importante na formação e modificação das áreas que aqui serão trabalhadas. Para iniciar a análise dos conceitos discutir-se-a primeiramente qual a definição de espaço.

Para Corrêa (2000), o espaço é uma palavra de uso constante no vocabulário da sociedade de modo geral, isto é, tanto no vocabulário científico, como no coloquial. Por este motivo observa-se que a palavra espaço possui um sentido polissêmico. Quando se indaga aqui o questionamento da utilização do vocabulário científico trata-se não apenas da Geografia, como das demais ciências, que de acordo com suas especificidades abordam questões relacionadas ao espaço. Analisa-se, porém, que cada uma utilizará o termo de forma e/ou sentido próprio.

Sendo assim, para a Geografia a palavra espaço possui, em linhas gerais, um sentido amplo, pois a mesma pode ser trabalhada nas mais diversas escalas e correntes teórico-metodológicas. Observa-se também que cada uma das correntes abordará e classificará o espaço de forma diferenciada, a partir da corrente geográfica que estará pautada.

Para muitos o espaço é a categoria geográfica que engloba tudo, desde a maior até a menor partícula existente na face da Terra, pois “De todas [categorias], a mais geral – e que inclui as outras – é o espaço.” (SILVA *apud* SANTOS, 1988, p. 71). Massey (2008, p. 29), complementa afirmando que o espaço é “(...) produto de inter-relações, como sendo constituído através de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno”.

O lugar caracteriza-se por ser um espaço que seja ao ver de cada indivíduo nele inserido, como algo que lhe dê um sentido de pertencimento, familiarização. Um exemplo seria a rua onde determinado sujeito mora, a escola onde estuda, etc. Tuan (1983, p. 36) apresenta que “Todos os seres humanos têm seus próprios pertences e talvez todos tenham necessidade de um lugar seu, quer seja uma cadeira no quarto ou um canto preferido em qualquer veículo”. O lugar seria, portanto, caracterizado basicamente pela subjetividade dos indivíduos.

Porém, tendo em vista que a análise principal deste estudo esta pautada na questão da territorialidade, ver-se a necessidade, para uma melhor contextualização e interpretação do significado do mesmo, compreender-se *a priori* o sentido do termo território. A categoria geográfica de território, na Geografia Clássica, sobretudo com Ratzel, baseava-se na idéia de Estado-Nação, isto é, no território nacional, como afirma Souza (2008, p. 62). Porém, atualmente não só na Geografia essa categoria tem sido amplamente (re)analisada, como também na Ciência Política, na Economia, na Antropologia, na Sociologia, na Psicologia, na História, entre outras ciências, pois seu significado vai muito mais além desse pensamento clássico.

Obviamente cada ciência e corrente teórico-metodológica dará à concepção de território um enfoque conceitual diferenciado. Por isso, identifica-se a necessidade de um esclarecimento sobre o conceito que será utilizado durante o discurso para que não haja distorções acerca do mesmo, pois de acordo com Haesbaert (2010, p. 25), “[...] trata-se da já antiga confusão que resulta principalmente da não explicitação do conceito de território

que se está utilizando”. Não raro, ver-se esta representação sendo utilizada arbitrariamente sem que haja um aprofundamento, sendo que a definição de território irá variar de acordo com a época em que a mesma foi idealizada e com a corrente que está embasada o que pode levar a incompreensão do termo. Haesbaert (2009, p. 134) relata que,

[...] todo conceito tem uma validade temporal, ou seja, deve ser delimitado historicamente [...]; é importante revelar a origem do conceito, tanto no sentido de sua existência “real” quanto de sua formação teórica (por isso [...] os principais conceitos da Geografia têm relação prioritariamente com determinadas fases ou correntes teóricas da disciplina).

Lencioni (2011,p. 82) também enfatiza a relação espaço-temporal adquirida pelos conceitos ao afirmar:

O conceito se modifica, se altera, muda. (...) O conceito tem movimento e, por isso, um conceito construído numa determinada época pode se alterar. Na medida em que o conceito é um reflexo do real e esse real está em permanente mudança, é lógico que ele também se modifique.

Por este motivo começaremos a analisar a procedência da palavra território. Ao examinar o sentido etimológico da palavra território, nota-se que o mesmo deriva do latim *territorium*, que segundo Haesbaert (2010, p. 43), significa “pedaço de terra apropriado, dentro dos limites de uma determinada jurisdição político-administrativa”. Em Geografia Política, essa categoria é considerada como um espaço concreto e/ou abstrato, espaço este apropriado e ocupado por determinado grupo social, que através dessa ocupação constrói nesse território suas raízes e identidades, sendo-o compreendido apenas a partir do mesmo. Sack *apud* Haesbaert (2009, p. 133), disserta acerca dessa categoria afirmando que

[...] o território surge a partir da ‘tentativa, por um indivíduo ou grupo, de atingir, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos

através da delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica’.

Portanto, o território estaria estritamente associado ao poder, onde tem-se um gestor que procura submeter os indivíduos a um conjunto de regras pré-estabelecidas para que se viabilize uma convivência social.

Observa-se, porém, que a concepção de território possui um sentido mais amplo, pois a mesma é vista como um “(...) espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 2000, p. 78). É basicamente definido por suas fronteiras jurídicas, políticas, culturais, naturais e/ou artificiais, onde o mais forte influencia predominantemente o mais fraco, isto é “(...) o controle do espaço é um constituinte fundamental do poder social” (SILVA, 2002, p. 38). Essas fronteiras são formadas ao longo de um processo histórico, que abriga tudo, desde as sociedades até suas instituições. Porém, todo e qualquer território é passível de modificações espaço-temporal

Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p.ex., uma rua) à internacional [...] territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica. (SOUZA, 2000, p. 81).

Os territórios teriam então como peculiaridade essa flexibilidade de desenvolver-se, estagnar-se ou reduzir-se de acordo com a necessidade e, principalmente, com relação a força que cada grupo possui sobre seu território ou sobre determinado território que exerça forte influência.

A importância da abordagem conceitual revela-se ao se discutir o objeto de estudo, no caso ao se abordar a questão da prostituição em Campina Grande, a abordagem conceitual desta revela muito de sua problemática e permite o entendimento de sua dinâmica. Desde a questão do lugar, perpassando pela concepção de espaço vivido e produzido, até a abordagem territorial do fenômeno em estudo. De todas as categorias, consideramos que a de território enquadra-se melhor ao que se pretende aqui discutir.

## 1.2 Territórios marginais: segregação e prostituição em Campina Grande

Assim como a sociedade estigmatiza etnias, classes sociais entre outros grupos, há também uma estigmatização acerca de determinados espaços, como por exemplo, ruas que as pessoas procuram evitar passar em certas horas com medo do público transeunte da área, como também existem comunidades que ninguém entra sem que seja conhecido de algum morador. O mesmo ocorre com espaços classificados como territórios marginais.

Sousa (2000) analisa que algumas territorialidades são consideradas socialmente marginais, destacando que as mesmas se dão através das relações de poder que são estabelecidas durante certo tempo e que ocuparam e continuam ocupando cada vez mais os territórios considerados “tradicionalistas” das cidades. Dentre estes “territórios marginais” destaca-se os territórios das gangues, do tráfico de drogas, da prostituição, dos flanelinhas, dentre outros.

Estes territórios estabelecem-se como “espaços múltiplos e paisagens funcionais” (SANTOS, 1994), pois durante o dia há um grande fluxo de transeuntes por serem áreas de estabelecimentos comerciais, de escritórios, entre outros, e durante a noite essas áreas são “transformadas” em outros territórios, como por exemplo, o eixo deste trabalho – os territórios da prostituição. Por ser uma cidade de médio porte Campina Grande é referencial com relação a comércio, escolas universidades entre outras potencialidades econômicas acabam por receber uma grande diversidade de pessoas dando a determinados espaços uma funcionalidade específica. Como Santos (1994, p. 69), nos afirma que:

Ao passarmos numa grande avenida, de dia ou à noite, contemplamos paisagens diferentes, graças ao seu movimento funcional. A rua, a praça, o logradouro funcionam de modo diferente segundo as horas do dia, os dias da semana, as épocas do ano.

Este fenômeno ocorre em diversas localidades, e em diversas escalas como citado anteriormente. De acordo com Santos (2008), pode-se usar como exemplo alguns espaços

na cidade de Campina Grande que possuem este fenômeno de formas diversas, como o Parque do Povo, que ao longo do ano tem sua paisagem modificada de acordo com o tipo de festividade ou empreendimento que irá ocupar a área por um tempo determinado como, por exemplo, o Encontro da Nova Consciência em fevereiro, o São João e os inúmeros shows privados e demais empreendimentos que utilizam o espaço do acima citado.

Outro exemplo de territorialidade dinâmica pode ser observado na Rua João Pessoa, localizado no centro da cidade. O fenômeno em questão ocorre de uma forma peculiar, diferenciada, pois é só o comércio local fechar suas portas, que a partir de determinada hora os (as) profissionais do sexo começam a circular nas calçadas a espera da clientela, mudando assim a funcionalidade do local em questão, isto é, há uma mudança no tipo de comercialização existente. Vê-se que aí há uma mudança espacial e territorial que ocorre em menor escala que a observada no Parque do Povo, porém mais constante, pois este fenômeno ocorre diariamente na Rua João Pessoa.

Outro fator de grande relevância na formação destes territórios é a dinâmica que o mesmo possui, e que acaba por lhe atribuir um caráter cíclico: estes territórios podem tanto aumentar quanto diminuir sua área de influência de acordo com suas necessidades, isto é, uma das principais características desse território é sua grande mobilidade e a inconstância territorial

Os territórios da prostituição são bastante “flutuantes” ou “móveis”. Os limites tendem a ser instáveis, com as áreas de influência deslizando por sobre o espaço concreto das ruas, becos e praças; a criação de identidade territorial é apenas relativa, digamos, mais propriamente funcional que afetiva. (SOUZA, 2000, p. 88)

Percebe-se que esta inconstância e flexibilidade variam de acordo com vários fatores, mas o principal está relacionado com a necessidade variação de pontos, pois se o/a profissional do sexo permanece muito tempo em um mesmo espaço acaba tornando-se visado (a) e conseqüentemente há uma baixa considerável em sua atividade produtiva (lucratividade). Este fato leva-os a procurar outro lugar que seja mais rentável, já que

muitos (as) possuem apenas esta profissão como principal fonte de renda. Pode-se observar isso na entrevista realizada junto à coordenação do CIPMAC<sup>2</sup>:

Geralmente, uma mulher fica muito tempo num ponto [...] ela não é mais bem vista [...]. Ela tem os clientes certos, mas os clientes que costumam frequentar a casa eles preferem novidade, né, as vezes já saiu muitas vezes com aquela aí prefere uma novidade. Então [...] a procura pelo trabalho dela já diminui, né. Então diminui também o dinheiro aí ela já procura, busca outros locais. [...] Então enquanto ela é novidade ela ganha mais ela é mais procurada. E quando fica muito tempo num local não são muito procuradas. (sic)<sup>3</sup>

Observa-se que, por este motivo estes territórios tendem a ter certo crescimento ou encurtamento de suas áreas de influência, pois em determinadas épocas de grande lucratividade estes territórios podem abranger uma pequena área, e quando há uma queda na lucratividade estas áreas de influência podem aumentar consideravelmente para que assim o(a) profissional do sexo tenha possibilidade de circular por outras áreas ficando menos visados.

Este fato demonstra que a prostituição acompanha as mudanças espaciais e financeiras pelas quais os lugares da cidade passam, e os territórios da prostituição se fragmentam de acordo com essas mudanças. Acerca dessas transferências Rago (2008, p. 101) relata que “Evidentemente, a expansão capitalista alterava diretamente a localização dos espaços marginais, empurrando-os para a periferia da cidade, embora sem nenhum planejamento mais regular (...)”.

Sabe-se que a localização das áreas de prostituição se dá de acordo com fatores diversos, todavia observa-se que o que ocorre em Campina Grande com relação às áreas de prostituição, desde a primeira transferência do meretrício no início do século XX para a área dos Currais, é também uma questão de segregação socioespacial, pois se analisa que existe uma divisão de classes bem definida neste caso. De acordo com Gottdiener *apud*

---

<sup>2</sup> CIPMAC (Centro Interativo de Prevenção, Mobilização e Aconselhamento aos Profissionais do Sexo), é uma ONG que existe há mais de 20 anos em Campina Grande com o intuito de trabalhar a questão da prevenção com os(as) profissionais do sexo, para que os mesmos não entrem para as estatísticas de grupos de risco com HIV/AIDS.

<sup>3</sup> Entrevista concedida a autora em 15/06/2011.

Sogame (2001, p.97), essa relação de hierarquia espacial fica bem evidente em seu discurso acerca da diferenciação dos espaços:

[...] o espaço social perde a sua unidade orgânica nas cidades modernas, pulverizando-se em “guetos distintos. Os lugares segregados da cidade moderna não são justapostos, são hierárquicos, e representam espacialmente a hierarquia econômica e social, setores dominantes e setores dominados.

Nota-se essa realidade ao analisar as “áreas” do meretrício de Campina Grande entre as décadas de 1920 a 1950, quando o poder público foi pressionado pela elite campinense, que Silva (2002, p. 47) denomina de “forças limitadoras (fatores políticos, controle legal e repressão pública/policial)”, para que houvesse a transferência dessas áreas, para que se tivesse um melhor vislumbre da área central da cidade, pois esta área estava passando por uma reforma, não apenas estrutural como também cultural com o objetivo de tornar o centro um lugar mais atrativo para as famílias locais. Esta elite preocupava-se muito com a moral de acordo com Nascimento (2008), e na ocasião estava sentindo-se importunada com a localização do meretrício no Centro da cidade. Sem falar que a época denota uma sociedade com um patriarcalismo arraigado.

Rago (1985) também irá enfatizar essa ação de segregação socioespacial da elite utilizando-se de um discurso acerca da necessidade da higienização das cidades fazendo com que haja um deslocamento da população pobre para áreas mais distantes das áreas centrais, para que assim se efetive a demarcação dos espaços.

Como parte desta política sanitarista de purificação da cidade, a ação dos higienistas sociais incide também sobre a moradia dos pobres, de acordo com o desejo de constituir a esfera do privado [...]. Mas também a partir da intenção de demarcação precisa dos espaços de circulação dos diferentes grupos sociais. [...] A estratégia norteadora da intervenção dos higienistas sociais na remodelação da cidade consiste, então, em separar os corpos, designado a cada um deles um lugar específico. (RAGO, 1985, p. 164 - 165)

Portanto, observa-se que a elite de Campina Grande não queria se misturar com a população pobre e “promíscua” da cidade, por isso a transferência do meretrício para o bairro que se intitulava Mandchúria. A denominação desse espaço se deu “numa provável associação com o episódio da invasão japonesa a região da Mandchúria na China por volta de 1931.” (NASCIMENTO, 2008, p. 100), que foi tomado pelos Japoneses durante a 2ª Guerra Mundial através de disputas territoriais. A comparação era feita pelo fato de haver brigas constantes na área do meretrício. Mas, não adiantou muito essa transferência, pois muitos dos que saíam de lá iam em direção ao centro para fazerem “algazarras” como era de costume.

Sousa (2001, p. 27) coloca-nos a par da segregação que ocorria na referida época com reflexo na modernidade<sup>4</sup>.

Já havia, naqueles tempos remotos, mecanismos de segregação ou formas próprias de se misturar em público sem ser confundido, mantendo em guarda as velhas e indefectíveis hierarquias. Os tempos modernos vão ser testemunhas de mudanças que [...] sofisticaram e lapidaram os mecanismos que reproduziam as hierarquias sociais e as segregações espaciais.

As diferenças tinham de ser visíveis, e por isso a transferência da área do meretrício para a periferia da cidade foi o modo que as pessoas influentes política e economicamente da época encontraram para separar-se daqueles que davam um ar promíscuo a cidade.

A prostituição tem uma maior ocorrência e intensidade, geralmente em cidades litorâneas, turísticas, e locais valorizados, ou seja, em cidades de grande fluxo de pessoas e dinheiro, que é caso do Centro de Campina Grande.

Sobre a prostituição observa-se que a maior ocorrência dessa territorialidade é também no Centro, ou CBD (Central Business District) como Souza (2000) afirma. É no

---

<sup>4</sup> A Modernidade foi um projeto racional dos iluministas, que se pautava no lema “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”. Uma experiência que teve como marca a contradição que se operava entre a produção e a reprodução da sociedade racional. Ela ainda se divide em dois aspectos, modernização e modernismo. O primeiro se caracteriza como um processo empreendedor que transforma a sociedade por meio das inovações técnicas. Já o segundo, é dado a ver por meio das vanguardas pensantes da sociedade, que observa e critica este projeto racional e suas contradições. Cf. BERMAN, 1999.

CBD onde se tem intensa acessibilidade, uma grande variedade de estabelecimentos comerciais de prestações de serviços, e para Silva (2002, p. 45) “a prostituição precisaria do centro pelo fluxo de pessoas (clientes) aí existente, e pelo anonimato que a multidão oferece”. O discurso da coordenadora do CIPMAC Milene Ferreira entra em acordo com essa necessidade de anonimato, ou melhor, a falta de percepção acerca da distinção de quem de fato é um (a) profissional do sexo na sociedade atual, pois a mesma afirma que

Hoje em dia não há como identificar quem é quem (...). Todo mundo se veste igual, todo mundo tem uma postura igual, né. E só identifica quando surge a conversa, ou então quando o indivíduo já conhece aquela pessoa aí dá para identifica, mas assim elas trabalham em todo lugar(sic).

Observa-se a existência da prostituição que ocorre em espaços abertos de modo explícito, que Souza (2000) classifica como “*trottoir*”, palavra francesa que significa “calçada”. Isto é, as prostitutas ficam nas calçadas, onde as mesmas parecem mais vitrines com suas mercadorias expostas à espera dos clientes sendo esta uma forma mais “autônoma”, que garante uma maior liberdade. E, é esta “liberdade” que incomoda aqueles que consideram tal ato digno de censura, pois de acordo com Pereira (1967, p. 117), “Nada há de fazer contra a mulher galante, que passeia sua maliciosa figura, influenciando os passantes com sorrisos e modos de olhar, com roupagens que lhe deixam adivinhar as intenções e a profissão. Ela não é repreensível pelo fato de dar a conhecer que é acessível a todos”.

Portanto, os espaços selecionados pelos (as) profissionais do sexo serão, geralmente, aqueles que proporcionem maior visibilidade (apesar dos perigos), garantido assim melhores resultados. E há também os locais que são classificados como pontos de encontro como, por exemplo, bares, restaurantes, ruas e avenidas. Pondera-se também a existência de três níveis de prostituição: superior, médio e inferior, onde o que vai diferenciá-los é apenas a questão socioeconômica.

[...] podemos dividir o meretrício em três categorias: a primeira delas, considerada o nível inferior está o baixo meretrício, geralmente constituído pela prostituição de rua ligada às hospedarias e hotéis baratos, ou à prostituição fechada de alta rotatividade, onde as meretrizes são obrigadas a atender um número elevado de clientes. A segunda categoria intermediária é o médio meretrício, neste nível as prostitutas tendem a trabalhar em bordéis ou casas fechadas como casas de massagem, mesmo assim, muitas delas praticam o trottoir. O alto meretrício como o próprio nome já diz é o nível mais alto da prostituição, onde se encontram as meretrizes exclusivas, ou de luxo. (SILVA, 2002, p. 46)

Ainda com relação ao nível de prostituição pode-se dizer que estes espaços coexistem em alto grau de proximidade. Observa-se, por exemplo, que na Feira Central e em suas ruas adjacentes têm-se os três níveis de prostituição, onde a existência de um não afeta o outro pelo fato do público alvo de cada um desses espaços ser bem específico, por isso de uma rua para outra se pode observar a mudança do nível da prostituição.

Um exemplo de prostituição de alto nível em Campina Grande na década de 1930 era o Cassino Eldorado que vivenciou um período de grande glamour “que marcou época naquela rua (...) entre os anos de 1937 e 1941”. (SOUZA, 2002, p. 325), porém com a crise do algodão o mesmo foi perdendo o seu glamour e tornando-se aos poucos o que vê-se atualmente, nada mais que um prédio em ruínas, que agora serve apenas de boas lembranças para aqueles que presenciaram e vivenciaram seu apogeu. No entanto, havia também pensões de níveis menos elevados que o Eldorado, onde acabavam por receber a população menos abastada de Campina Grande e cidades circunvizinhas.

Ainda hoje se vê que a prostituição no Centro de Campina Grande constitui-se basicamente através de diferenças econômicas, pois de acordo com a coordenadora do CIPMAC o Centro possui os três níveis de prostituição elencados anteriormente, visto que “há um contraste, há a parte baixa mais pobre, carente, e tem a alta também junto (...) que são meninas de alto nível, que atende por telefone, por hora marcada (...)”. (sic)

Atualmente, no nível inferior é cobrado o valor de no máximo R\$10,00 (dez reais), porém como a clientela é formada por pessoas da “classe D” esse programa pode muitas vezes não passar de 5, 3 e 2 reais, que é o caso da Feira Central. Já o programa do nível médio que se encontra na Rua João Pessoa varia entre 20 a 30 reais. E, geralmente não há um intermediador, ou agenciador nos níveis citados anteriormente, o que há em alguns

casos é o pagamento de uma taxa de utilização do estabelecimento como ponto de encontro com os clientes. Já no nível superior, o programa geralmente é acima de 100 reais, pois o/a profissional do sexo possui um agenciador que intermediará e agendará o programa, onde muitas vezes só há o contato do(a) profissional com o cliente na hora do programa, como é o caso da prostituição masculina que ocorre da forma mais imperceptível possível, pois como Pereira (1967, p. 111 e 112) afirma que “Na prostituição masculina [sic] (...) só existe o cliente e o prostituto, quando muito alguém que os une num quarto de hotel ou bordel”. Isto ocorre pelo fato do profissional do sexo e seu cliente exigirem maior sigilo com relação a sua identificação, para que assim nenhum venha a ser identificado.

## **2. Campina Grande: urbanização e espaços de prostituição na área central**

O objetivo desse capítulo é o de discutir as modificações urbanísticas ocorridas em Campina Grande no início do século XX com o intuito de promover a higienização da cidade e conseqüentemente a delimitação dos multiterritórios da área central, para posteriormente observar-se a dinâmica pela qual os territórios da prostituição passaram ao longo dos dois últimos séculos levando em consideração a firmeza e a fragilidade que os mesmos possuem.

### **2.1 Urbanização e multiterritorialidade da prostituição em Campina Grande: breve resgate histórico**

No final do século XIX as transformações advindas da Revolução Industrial trouxeram grandes modificações espaciais para as cidades, como o processo de urbanização envolvendo a higienização e o embelezamento das cidades. Para Roberts (1998) essas mudanças se deram de formas e tempos diferenciados em cada localidade, pois a Revolução Industrial atingiu os espaços de forma gradativa. E no início do século XIX algumas cidades brasileiras começam a ser afetadas pela Revolução Industrial, Campina Grande, por sua vez não poderia ficar de fora.

A cidade gozava segundo Cabral Filho (2009, p. 17), de “[...] um considerável desenvolvimento econômico em função das atividades relativas à cultura do algodão”, mas também possuía inúmeras ruas sinuosas, becos escuros e fétidos por causa dos esgotos que permaneciam a céu aberto, animais que circulavam juntamente com a população e meretrizes que circundavam o centro da cidade. Fato este que começou a incomodar algumas figuras de “relevante importância” no cenário da cidade da época em questão.

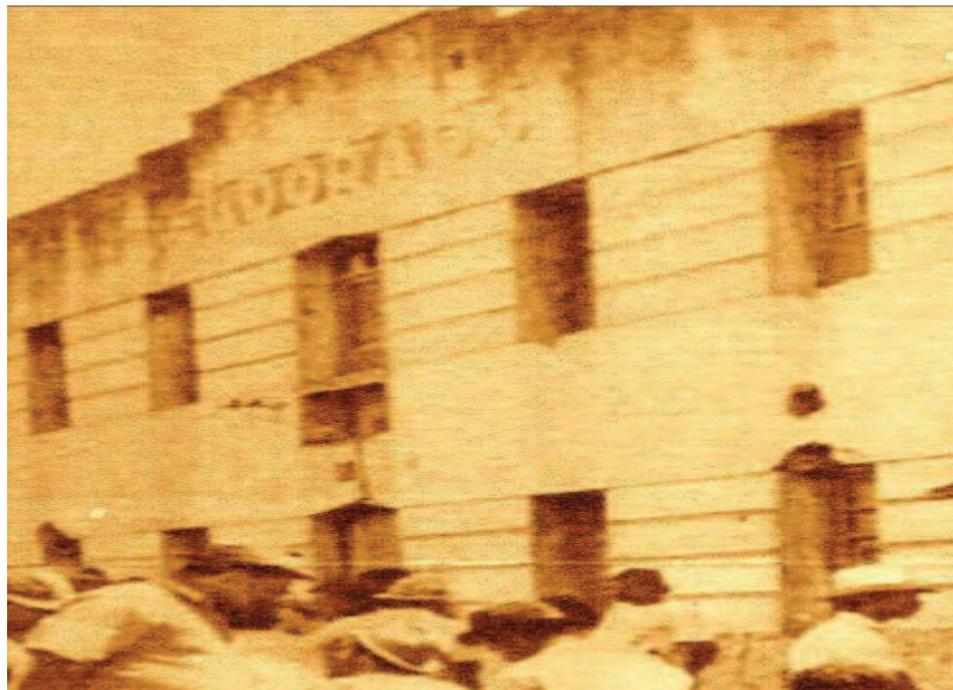


Foto 01: Cassino Eldorado

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/02/nos-tempos-do-eldorado>

Com o aumento dos transeuntes na cidade houve a implantação de *cabarets*, bordéis e os cafés para animar a noite campinense, como por exemplo, o famoso Cassino Eldorado e dada a circunstância, houve também a necessidade de se trazer atrações que de fato chamassem a atenção dos clientes. (vide foto 01) Por isso em algumas casas de shows haviam atrações internacionais, isto é, dançarinas e meretrizes que vieram ao Brasil na tentativa de obter lucros, pois segundo Souza (2002, p. 326), “Além dos homens vindos de vários lugares, as moças que praticavam a mais antiga profissão do mundo também vinham de várias cidades do interior da Paraíba e mesmo de outros estados e países (...)”. Campina Grande por ser uma cidade de grandes atrativos culturais e econômicos acabou por destacar-se como um espaço de possibilidade de crescimento em vários setores, como por exemplo, a prostituição, onde de acordo com Santos (2008, p. 85), “Com o desenvolvimento econômico, não demorou muito, e a cidade caracterizou-se como grande centro de prostituição feminina (...)” (vide figura 01)

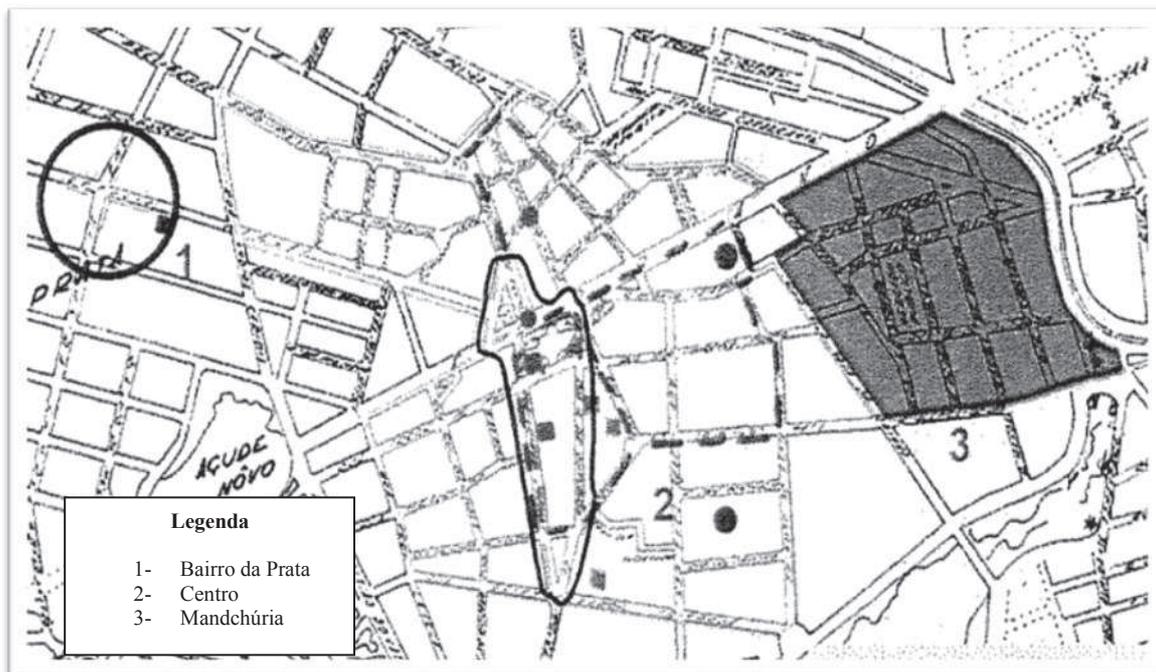


Figura 01: Principais áreas de circulação da cidade na década de 1920 a 1930.

Fonte: Sousa (2006) - (Adaptado por Ana Cláudia Araújo Diniz – Junho 2012).

As “damas da noite” francesas foram as que mais imigraram para o Brasil, e foram as mesmas que instalaram o “caos” na sociedade patriarcalista, pois trouxeram consigo toda a modernidade da sociedade parisiense, assim Souza (2002, p. 328) afirma que “Naqueles anos de esplendor, a influência francesa ditava os padrões culturais (...)”. As mesmas destacavam-se desde o vestir até o falar o que acabava por chamar a atenção onde estivessem. Pois Penteadó *apud* Rago (2008, p. 99), afirma que “(...) as meretrizes (...) costumavam enfeitar os cabelos com flores, exprimindo com esses emblemas sua condição de ‘mulher da vida’, e usavam ‘galhos de arruda nas coxas, para evitar mau-olhado e doenças venéreas, segundo as crendices populares de então’.” Isto faz com que verifiquemos que as profissionais do sexo da época em questão se faziam por perceber onde estivessem.

Para a grande insatisfação da elite local a rua onde se concentrava a maior parte do meretrício de Campina Grande, em meados do século XX, era a rua denominada de “Rói Couro”, isto é, a atual Major Juvino do Ó. Para a elite campinense, isso se caracterizava como uma afronta para os letrados da época e para as suas senhoras, pois as mesmas tinham de dividir os espaços da cidade com as “mulheres de vida fácil”, e ainda pior na

visão culturalmente machista e preconceituosa que as “mariposas” podiam levar as moças e as senhoras para o mau caminho com suas idéias “subversivas” de “liberdade”. Rago (1985, p. 66) analisa a imagem que a sociedade patriarcal da época denotava as “senhoras de família” onde “(...) a imagem feminina construída pelo imaginário (...) romântica, sensível, ingênua, explorada, a figura da mulher é associada à idéia da flor frágil e desamparada, vítima (...) destinada a trabalhar e procriar (...)” E aos olhos dos letrados esta “pureza” estaria sendo colocada em risco com a proximidade entre ambas.

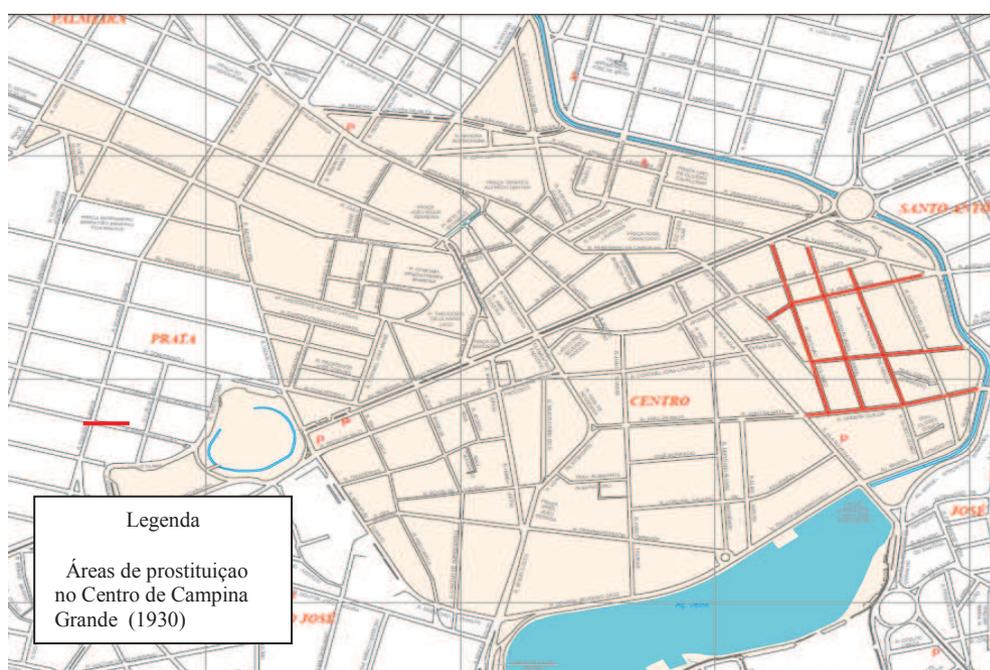


Figura 02: Áreas de prostituição em 1930 no Centro de Campina Grande – Bairro da Mandchúria.  
Fonte: SEPLAN (Adaptado por Ana Cláudia Araújo Diniz – Junho 2012).

A partir disso utilizou-se de um discurso embasado na renovação e ampliação da área central da cidade e com isso houve uma justificativa para a transferência da zona de meretrício da área central da cidade, pois de acordo com Sousa (2006, p. 145), “(...) pensavam as autoridades e os higienistas estar livrando as ruas centrais e seus cartões postais dos males morais e físicos (...)” Essa mudança ocorreu a partir da década de 1930, quando a zona de meretrício foi realocada para a feira de gado da cidade, mais precisamente o bairro que se intitulava por Mandchúria. (vide figura 02) Este foi o bairro no qual se alocaram por quase três décadas os bordéis e as casas de diversão mais conhecidas e tradicionais da cidade. Nota-se, porém, que já naquela época podia se

observar os três níveis de prostituição que se tem atualmente na cidade, pois nem todos podiam pagar pelo luxo e esplendor que um estabelecimento como o Eldorado e outros cassinos e bordéis ofereciam.

Com as reformas do centro da cidade a 'Zona' foi se transferindo ao poucos para as proximidades da Feira Central, para o bairro da Manchúria, mais especificamente para a quadra compreendida entre as ruas Marcílio Dias, Cristóvão Colombo, Quebra-Quilos, Manoel Pereira de Araújo e as intermediárias 12 de Outubro (atual Carlos Agra) e Pedro Álvares Cabral. Logo a Manoel Pereira de Araújo, que congregava os melhores "cabarés da cidade", ficou conhecida como 'Rua Boa'. (SOUZA, 2002, p.324)

Com o declínio do algodão (o ouro branco), a zona de meretrício desloca-se novamente para a área central, todavia agora para as Boninas<sup>5</sup>. Obviamente não deixando de existir na Feira Central, mas abandonando muito do esplendor que tivera outrora. (vide figura 03) Muitas pensões foram abertas na Rua João Pessoa quase que uma ao lado da outra, mas segundo relatos da época nenhuma se comparava ao glamour da eterna lembrança da Rua Boa em seus tempos áureos.

---

<sup>5</sup> A partir da transferência da área de meretrício para as Bonimas observa-se que algumas ruas tornaram-se o foco desta prestação de serviço entre elas estão: a Demótiues Barbosa, Félix Araújo, Miguel Barreto, Bartolomeu de Gusmão e Augusto Severo. Cf. Souza, 2002.

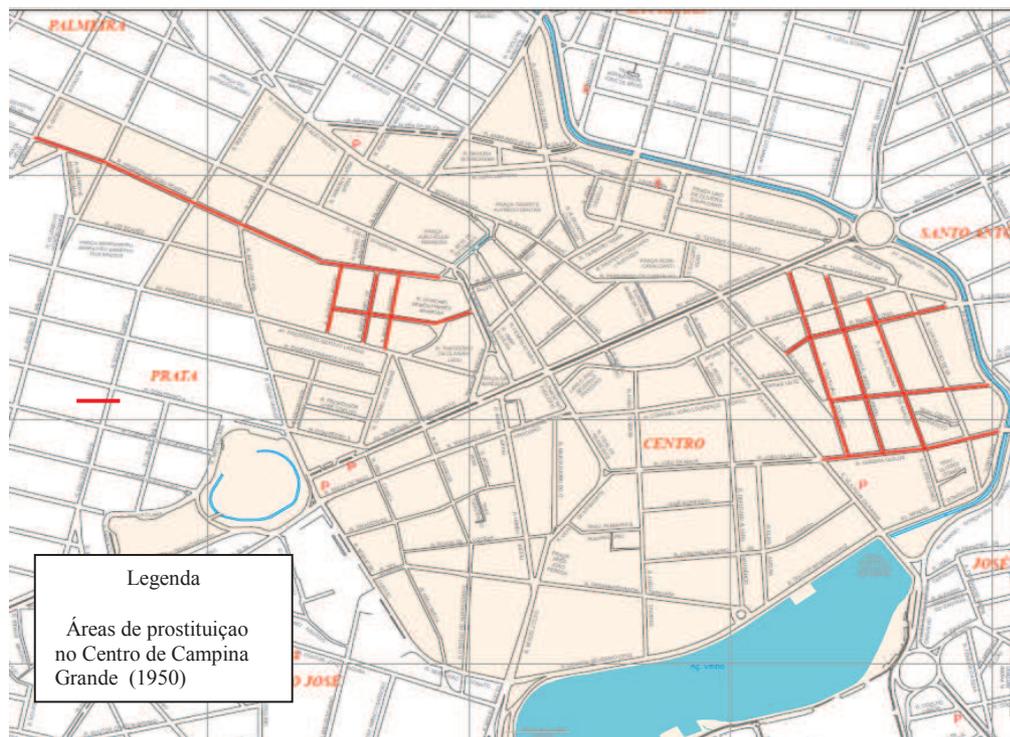


Figura 03: Áreas de prostituição em 1950 no Centro de Campina Grande.  
 Fonte: SEPLAN (Adaptado por Ana Cláudia Araújo Diniz – Junho 2012)

Percebe-se, portanto, que ao longo das décadas os espaços da prostituição flutuam na malha da cidade de Campina Grande de acordo com o crescimento populacional e consequentemente financeiro da cidade, e por este motivo classifica-se estes espaços como flutuantes e instáveis, pois os mesmos dependem de fatores diversos, como político, social e econômico para sua instalação e permanência em determinados espaços da cidade.

## 2.2 A prostituição na área central: resquícios, rugosidades e dinâmica atual

Como já referido anteriormente, a área central de Campina Grande possui desde 1920, um grande histórico relacionado com a prostituição, e essas áreas passaram ao longo do último século por diversas modificações e realocações o que para Rago (2008, p.107) faz com que haja uma ampliação não apenas da área de influência desses territórios, mas também um considerável aumento nos lucros, pois

Os sucessivos deslocamentos geográficos não significaram uma limitação das atividades na vida do submundo. Pelo contrário, proliferaram e diversificaram-se as formas de consumo do prazer, aumentando os lucros que aí se formavam.

A ampliação desses territórios, como vimos anteriormente garante aos(as) profissionais do sexo uma maior expansão com relação à clientela que se altera de acordo com cada área.

Porém, algumas das áreas que na década de 1920 eram citadas como o meretrício da cidade atualmente continuam a sê-lo, apesar de não possuir a mesma fama e dinâmica de outrora a tão antiga profissão continua a ser exercida em espaços assinalados com tal prática. De acordo com a entrevista realizada com o CIPMAC observa-se a diferenciação na forma de posse dos territórios já que cada uma das “modalidades” exerce seus papéis de forma bem peculiar:

Olhe entre mulheres e os travestis não tem [divisão territorial], porque onde o travesti atua as mulheres também (...) atuam junto, pelo menos aqui em Campina Grande. As mulheres circulam normalmente os meninos também até ficam junto. (...) Se tem algumas em relação aos michês<sup>6</sup>? Eles sim, eles se dividem, porque eles procuram um local onde seja mais fácil o encontro, porque são homens que não querem se identifica, que são gays, né, que... que tem família, são casados, aí vem de carro então eles procuram um local mais... que não tenha muita movimentação. Aí existe essa separação entre os michês, mais com as mulheres e travesti não, não tem elas circulam normalmente... tranquilamente (...) [sic].

Para reafirmar o discurso da coordenadora do CIPMAC Milene Ferreira pode-se ainda afirmar, de acordo, com Silva (2002) que:

---

<sup>6</sup> Michê na linguagem do grupo esta relacionada a prostituição masculina.

As práticas de apropriação desses [...] territórios da prostituição se são de modo diferenciado. No caso das prostitutas, a legitimidade e controle de seus territórios é mais rígida [...]. No caso dos “michês”, a apropriação de seus territórios é mais simbólica e afetiva, pois não há uma rigidez no seu controle.” (SILVA, 2002, p. 94 e 95).

Analisa-se que as apropriações territoriais dar-se-ão, de acordo com cada especificidade que os grupos apresentam, pois o fenômeno que ocorre em Campina Grande não ocorre necessariamente com as mesmas características e intensidade em outras localidades. Souza (2000, p.88) analisa que “(...) não significa, em absoluto, que ‘pontos’ não sejam às vezes intensamente disputados, podendo a disputa desembocar em choques entre grupos rivais – por exemplo, entre prostitutas e travestis, com estes expulsando aquelas de certas áreas, (...) [como no] Rio de Janeiro e (...) São Paulo.” Portanto, os conflitos que ocorrem para a formação e permanência desses territórios se dão de forma diversificada e singular de acordo com cada lugar.

Nos dias atuais ainda tem-se que um dos principais problemas enfrentados por estes grupos está relacionado com a aceitação dos mesmos pela sociedade. No entanto, apesar da resistência da sociedade para com profissionais do sexo, de ambos os sexos pondera-se que esta inflexibilidade seja ainda maior com relação aos profissionais do sexo masculino, pois a maior parte dos clientes que procura este serviço seriam homens (homossexuais, bissexuais), muitas vezes casados e que não querem assumir socialmente relações homoafetivas. Pereira (1967, p.108), afirma que “(...) como a prostituição masculina é sempre clandestina, é difícil apresentar um quadro de suas atividades, muito menos de suas estatísticas.” Por este motivo os profissionais do sexo não possuem ao menos um local fixo, mas apenas pontos de encontro. Isso se dá pelo fato de que os próprios clientes procuram manter e requererem esse sigilo para que não sejam identificados.

### **3. Os espaços de prostituição nos dias atuais em Campina Grande: ruas, feira e parque do Açude Novo**

O objetivo desse capítulo é o de apresentar os atributos e as peculiaridades relacionadas a cada uma das “modalidades” de prostituição que ocorrem no centro de Campina Grande analisando também as relações socioeconômicas estabelecidas em cada espaço, isto é, desde os pontos de encontro e o *trottoir* até a prostituição de luxo que se estabelecem em espaços distintos, no entanto, muito próximos uns aos outros.

#### **3.1 Territorialização da prostituição e algumas características**

De acordo com a entrevista realizada com a coordenadora da ONG CIPMAC, Milene Ferreira, na atualidade as ruas da área central mais conhecida como áreas de prostituição são as ruas João Pessoa, Índios Cariris e João Suassuna; e também outros domínios com maior abrangência como a Feira Central e o Largo do Açude Novo (vide figura 04). Alguns destes locais durante o dia são regiões de grande potencial econômico/comercial, já que são majoritariamente ruas comerciais com lojas, bancos, entre outros. Já durante a noite, quando termina o horário comercial, observa-se a mudança do público transeunte.

Nas áreas de concentração de capital financeiro – áreas de bancos, casas comerciais, sedes de sociedades anônimas – instalaram-se cafés, restaurantes e centros noturnos de diversão(..) que atraíam a burguesia endinheirada, os políticos, advogados, estudantes, trabalhadores (...)” (RAGO, 2008, p.95)

Essa grande movimentação acaba por levar a esses espaços públicos pessoas de diversas localidades e nível socio-econômico à procura de distração e muitas vezes até uma companhia para a noite o que torna, portanto, esses espaços propícios a expansão da prostituição .

A Psicóloga do CREAS<sup>7</sup>, Márcia Candelária ao ser indagada em uma entrevista acerca das localidades que possuem na atualidade indícios da circulação dos(as) profissionais do sexo, a mesma afirmou e confirmou as localidades que Milene Ferreira colocou-nos. Márcia Candelária ainda complementou indicando que da mesma forma que os outros espaços acima citados, as Praças da Bandeira e Clementino Procópio exercem a mesma função, isto é, foco da circulação desses ou dessas profissionais.

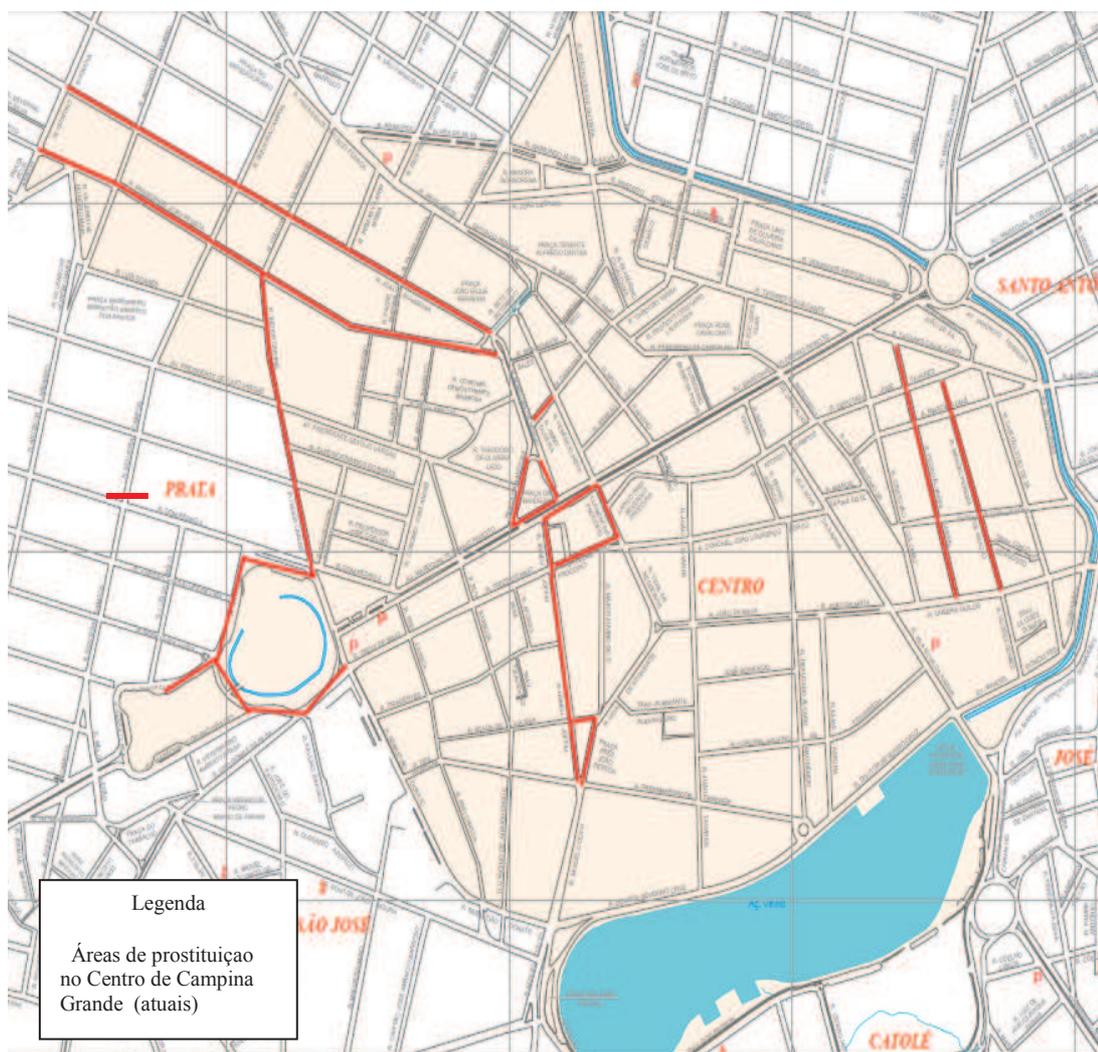


Figura 04: Áreas de prostituição na atualidade no Centro de Campina Grande.  
Fonte: SEPLAN (Adaptado por Ana Cláudia Araújo Diniz – Junho 2012)

<sup>7</sup> CREAS (Centro de Referência Especializada de Assistência Social).

Vale salientar que a coordenadora do CIPMAC e a psicóloga do CREAS atendem públicos distintos, pois enquanto Milene atende mulheres e homens em idade adulta com o intuito de promover a prevenção dos mesmos, Márcia atende crianças e adolescentes em situação de risco, sendo um dos riscos o da exploração sexual, no entanto, não se pretende neste trabalho mostrar a questão da exploração sexual e sim a ocorrência da prostituição que é o cerne deste trabalho.

Determinados espaços que possuem referência de circulação de profissionais do sexo em Campina Grande se diferenciam a partir da “modalidade” de prostituição que é exercida em cada um desses espaços. As modalidades variam em: pontos de encontro, prostituição de rua ou calçada (*trottoir*), e a através de catálogo.

A modalidade de pontos de encontro são consideradas desta forma pelo fato do cliente marcar com antecedência para se encontrar com o(a) profissional do sexo em determinado lugar ou até de forma “casual” em estabelecimentos que já possuem o serviço.

A prostituição de rua ou *trottoir* ocorre através da exposição do (a) profissional do sexo nas calçadas à espera dos clientes que passam por essas ruas e elegem com quem querem sair. E por último tem-se a prostituição de luxo, onde geralmente, as profissionais do sexo são selecionadas através de um book e o programa é em sua grande maioria intermediado por um agenciador. Esta é uma figura que existe há certo tempo na vida e na história das profissionais do sexo, pois há relatos que até as meninas que trabalhavam no Eldorado possuíam os “gigolôs ou bigodetes” como eram chamados na década de 1940, de acordo com Souza (2002, p.329).

Na época referida acima os agenciadores serviam de certa forma como “seguranças” para as profissionais do sexo o que já não ocorre mais, porém o que possui uma continuidade até os tempos atuais é que os mesmos continuam a ganhar com o trabalho ou como muitos o chamam, com o programa, o serviço realizado pelas profissionais do sexo.

As ruas João Pessoa e Manoel Pereira de Araújo (na Feira Central) possuem uma peculiaridade em comum. Sua prostituição é de rua, pois os/as profissionais do sexo se encontram nas calçadas (*trottoir*) como se fossem mercadorias expostas para a escolha do cliente. Já nas duas outras ruas (João Suassuna e Índios Cariris), em algumas ruas da Feira Central, como a Rua Pedro Álvares Cabral, e na área de diversão que se situa no Largo do

Açude Novo os/as profissionais do sexo são encontrados(as) em locais denominados de “pontos de encontro” específicos, caracterizados basicamente por bares, pois os mesmos possuem grande circulação e sendo assim apresentam grande potencial econômico.

A Feira Central desde a década de 1930 é um ponto de prostituição. Lá se encontrava desde os bordéis mais requintados, como o Cassino Eldorado em seus tempos áureos, até os de mais baixo nível. E apesar do deslocamento da grande maioria dessas casas para as Boninas, na década de 1950, a Feira Central continuou e continua sendo um local de referência para a “indústria do sexo”.

Nota-se que há altas e baixas na movimentação com relação aos clientes. Os dias com maior movimento de clientela para as profissionais do sexo na Feira Central são as quartas-feiras e sábados, pois são os dias em que a feira abriga grande circulação de vendedores e compradores de cidades circunvizinhas, onde pode se observar no discurso de Nascimento (2008, p. 104), que há anos muitos são os que aproveitam o local tanto para trabalho como para o ‘lazer’, como segue:

Os dias de maior movimento da zona eram justamente os dias de feira (...) quando afluíam para Campina Grande feirantes de toda a região para comercializarem seus produtos [...] e, como não “eram de ferro”, freqüentava os cabarés [...]. E eram justamente nestes dias, em que o dinheiro “corria solto”, os mais alegres para nossas personagens da vida real.

Portanto, percebe-se que a dinâmica da movimentação em dias de feira não mudou desde então, pois da mesma forma que ocorria no século passado continua até os dias de hoje. E para reforçar este relato pode-se usar o discurso de uma profissional do sexo que iniciou neste ramo na Feira Central e lá trabalha há 11 anos e já possui um ponto fixo para exercer sua profissão com segurança.

Os dias que eu ganho mais são os dias de feira, até porque tem mais cliente circulando por aqui, que vem a procura do nosso serviço. Ah, também tem diferença no ganho com relação as semanas do mês. Eu

ganho mais no começo do mês, que é quando eles recebem e aproveitam para se divertir mais. (Entrevistada nº 2)<sup>8</sup>

Já para os (as) profissionais que trabalham em outras localidades do Centro como a rua João Pessoa e alguns outros pontos de encontro, a maior movimentação inicia-se no meio da semana, geralmente a partir da quarta-feira, que é quando as meninas começam a “fazer linha”, de acordo com a coordenadora do CIPMAC.

Com relação à inserção dessas meninas ainda na infância na “indústria do sexo”, analisa-se que muitas enveredam neste ramo por estarem fugindo de situações de extrema instabilidade dentro de seus próprios lares, e como geralmente as mesmas não possuem nenhum tipo de profissionalização acabam enxergando na prostituição uma tentativa de obter dinheiro de uma forma mais “rápida e fácil”. Outras já entram ou permanecem para que possam manter seus vícios, sejam eles com bebidas alcoólicas ou drogas – que pode ser observado na Feira Central.

São crianças e adolescentes oriundas de famílias pobres, onde muitas sofreram violência sexual em seu próprio lar, e por essa razão escolhem a rua como a sua nova moradia, tentando encontrar na prática da exploração sexual o seu meio de sobrevivência. Muitas vezes são usuárias de drogas e usam o dinheiro adquirido nos programas para manter o vício, aceitando qualquer valor para o pagamento dessa prática, muitas relatam o valor de 5, 10 reais ou até mesmo favores, como oferta de bebidas, drogas, lanches, passeios de carro... (Psicóloga Márcia Candelária)<sup>9</sup>

Muitas vezes essas crianças e adolescentes não estão sendo exploradas apenas pelo dinheiro, mas também como troca de favor. Com relação às drogas Milene salienta que este é um dos fatores preponderantes para a inserção ou permanência de muitas meninas na indústria do sexo ainda nos dias atuais, visto que “(...) as meninas estão se prostituindo, a maioria quando já são, vão procura mais, ganha mais pra vencer o vício, e quando não são entra na prostituição pra poder ganha dinheiro mais rápido, né. Mais rápido, mais fácil, que não é nada fácil também, pra pode sustentar o vício” (sic). Dentre os locais analisados e citados durante a pesquisa em pauta a Feira Central é o que mais se destaca com relação a drogas/prostituição.

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida a autora em 10/09/2011.

<sup>9</sup> Entrevista concedida a autora em 27/09/2011.

Estes fatos tornam a Feira Central um dos locais que recebem com mais frequência as visitas do CIPMAC, mas como citado anteriormente eles não tem autorização jurídica para alertar adolescentes que vivem ali a merce desta triste realidade. A feira é um local onde se vê crianças na prostituição para obtenção de drogas, e pode-se ainda encontrar algumas meninas que estão a um passo de dar a luz a crianças que irão crescer em meio a esta realidade, presenciando muitas vezes a própria mãe se prostituir para o sustento de toda uma família.

Têm-se também os casos de mulheres que, após serem abandonadas pelo marido ou mesmo os colocarem para fora de sua vida devido a algum tipo de agressão, e não encontrando outra solução, se inserem na prostituição para o sustento de seus filhos. Segundo Roberts (1998, p. 384), muitas são “(...) as prostitutas [que] não pensam apenas nelas próprias quando trabalham na indústria do sexo – a maioria delas também é mãe. Ganhar dinheiro suficiente para criar os filhos independentemente dos homens é um tema que surge continuamente nas motivações das prostitutas”.

Muitas que enveredam pelo caminho da prostituição almejam uma mudança em suas vidas cogitando que esta é a direção mais fácil e menos árdua a se seguir em busca da independência financeira, porém as mesmas não calculam os perigos que os(as) profissionais do sexo que já possuem algum tempo de trabalho, costumam descrever com relação a violência involuntária que recebem, muitas vezes até por aqueles que deveriam protegê-las.

Alguns relatos estão associados à violência sexual sofrida no próprio ambiente de trabalho e quando vítimas levam ao conhecimento dos órgãos competentes, a polícia, por exemplo, muitas vezes tem os casos são negligenciados. Ainda de acordo com Roberts (1998, p. 355), o mesmo relata-nos que

Praticamente todas as prostitutas, especialmente as prostitutas de rua, têm histórias de estupro para contar (...). As prostitutas que escapam de situações desse tipo não podem recorrer às leis, pois a resposta que a polícia lhes dá é inevitavelmente a indiferença.

Estes casos são observados em várias localidades, pois as profissionais do sexo são estigmatizadas pela sua profissão. Muitos são os que acreditam ser apenas um desvio de conduta, que eles (as) vivem deste ofício pelo bel prazer. No entanto, cabe as mesmas o direito de escolherem seus clientes e serem protegidas pela lei e atendidas pelos órgãos competentes caso sofram qualquer tipo de violência ou abuso. Contudo, não é o que ocorre.

Se a prostituta for violentada no seu local de trabalho, então, ela vai ter que ter duas testemunhas, tem que ir lá prestar queixa igual a uma mulher comum. Então, se for na rua [...] ela vai precisar ter provas [...] de que foi realmente violentada, então, isso fica mais difícil [...] como que ela vai conseguir provas, testemunhas, saber quem é o cara que violento, que bateu, acha, aborda o policial que tá na rua, aí o policial olha pra ela – isso é umas vadia mesmo são umas vagabunda, tem mais que apanha. Eu já vi. Não faz diferença [...] eu acho que o poder público não ajude muito não, nessa questão principalmente de segurança. (sic) (Milene Ferreira)

Pode-se observar a partir deste discurso que as profissionais do sexo são obrigadas a se calarem diante de tais ocorrências. Porém, violência e abuso sexual são atos considerados crime contra a liberdade sexual a partir do artigo 213 do Código Penal, onde o mesmo diz que “constranger mulher à conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça.”<sup>10</sup> (BRASIL, 2009, p. 562)

Outro problema que as profissionais do sexo encontram geralmente está associado à prevenção, pois ainda hoje existem pessoas inconscientes e irresponsáveis que saem a procura de mulheres que satisfaçam seus desejos e um deles é a questão do não uso do preservativo, que caracteriza-se como algo essencial e indispensável em toda e qualquer relação sexual. Para Roberts (1998, p. 393 e 394), ainda existem homens que agem instintivamente sem ao menos se preocuparem com a própria saúde e principalmente a alheia, pois “[algumas] prostitutas sabem que o problema não são elas, mas os homens que usam os seus serviços, muitos deles oferecendo duas a cinco vezes o preço combinado para fazer sexo sem preservativo.(...) Os homens insistem em exigir, subornar e induzir as prostitutas a realizar sexo sem proteção (...).”

---

<sup>10</sup> Cf. Código Penal.

Este ato de suborno caracteriza-se como uma afronta aos(as) profissionais do sexo, pois muitos(as) tem a prostituição como única fonte de renda, isto é, para os(as) mesmos(as) o corpo é o principal instrumento de trabalho que eles(as) possuem.

Essa realidade constitui a maior parte dos territórios de prostituição identificados no centro de Campina Grande. As relações de poder constituídas dentro e fora desses territórios refletem o grau de exclusão socioterritorial que caracteriza a cidade capitalista e que também define a cidade de Campina Grande. A prostituição é em grande parte reflexo da pobreza e da ausência do Estado e seus reflexos espaciais são os territórios de prostituição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prostituição em Campina Grande passou por algumas realocações e modificações como se pode observar ao longo do estudo apresentado. Todo o processo acontece em torno da delimitação/demarcação dos territórios *a priori* dos grupos abastados e posteriormente a divisão territorial dos grupos tidos como marginais – a exemplo o da prostituição que foi o foco desta pesquisa.

O processo aqui analisado acerca dos territórios da prostituição ocorreu de forma lenta e gradual, mas possui grande resistência, pois por onde passou deixou sua marca registrada na história da cidade. Apesar da prostituição ser vista como “ilegal” perante aos olhos da sociedade, é um fenômeno que existe há séculos e dificilmente se extinguirá, e também por ser uma problemática que deveria ser solucionada pelo poder público, pois não adianta apenas a proibição, tem-se que haver soluções para a problemática.

Com relação à regularização da prostituição perante à lei, na última década já foram elaborados alguns Projetos de Lei para que haja a legalização dessa “profissão” que já possui séculos de existência. Estes projetos visam garantir, assim aos(as) profissionais do sexo direitos que são concedidos a todos os trabalhadores legalizados, e assim os mesmos poderiam sair dessa marginalidade que a sociedade os coloca, até porque não há uma lei que proíba a prostituição no Brasil, mas apenas a questão do lenocínio<sup>11</sup> prescrita no Código Penal Brasileiro. Segundo Leite *apud* Vieira Júnior (2008, p. 05):

Tiraria do crime os donos de estabelecimentos de prostituição, porque a prostituta não está no crime, mas eles estão. Então, eles passariam a ter suas obrigações trabalhistas com as prostitutas. Porque hoje, eles ganham o dinheiro que eles querem, exploram as mulheres, colocam crianças na prostituição e pagam a corrupção policial para poder funcionar. E as prostitutas vivem num mundo de marginalidade por conta disso e não tem direito nenhum.

---

<sup>11</sup> Entende-se por lenocínio a prática de crime contra os costumes, caracterizado sobretudo pelo fato de se prestar assistência à libidinagem alheia, ou dela se tirar proveito, e cujas modalidades são o proxenetismo, o rufianismo e o tráfico de mulheres.

Observa-se a existência de “sistemas de tratamento” com relação à prática de lenocínio, que de acordo com Prado *apud* Vieira Júnior (2008, p. 04), “(..) são três os sistemas de tratamento legal que a prostituição recebe na atualidade: o da proibição, o da regulamentação e o da abolição.”

Existem países que adotaram o sistema de regulamentação tanto da prostituição como das casas que abrigam estes serviços, locais que são considerados no Brasil, segundo o Código Penal, ilegais tendo em vista a prática de lenocínio. Nestes países que adotaram o sistema de regulamentação, os (as) profissionais do sexo pagam até o Imposto de Renda e fazem o recolhimento para a Previdência, para que futuramente possam receber uma aposentadoria como todo trabalhador<sup>12</sup>.

No Brasil há algumas tentativas de implantação de leis de regulamentação, pois o país apresenta índices relevantes de prostituição. O autor de um dos Projetos de Lei é o deputado Fernando Gabeira<sup>13</sup>, porém o projeto do deputado não foi aprovado pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados tendo como justificativa o possível aumento da prostituição. Este Projeto de Lei continha propostas de exclusão dos artigos 228, 229 e 231 do Código Penal que iriam de encontro ao mesmo.

Observa-se que o Código Penal brasileiro não condena nenhum indivíduo que se prostitua, mas apenas aqueles que colaborem para tal e/ou lucrem com essa atividade. Têm-se alguns artigos do Código Penal que tratam claramente acerca dessa temática. Estes artigos são:

Art. 227. Induzir alguém a satisfazer a lascívia de outrem.

Art. 228. Induzir ou atrair alguém à prostituição, facilitá-la ou impedir que alguém abandone.

Art. 229. Manter, por conta própria ou de terceiros, casa de prostituição ou lugar destinado a encontros para fim libidinoso, haja, ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente.

---

<sup>12</sup> Exemplos desses países são a Holanda e a Alemanha. Cf. Vieira Júnior, 2008, p. 05.

<sup>13</sup> Projeto de Lei nº 98/2003.

Art. 230. Tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça. (BRASIL, 2009, p. 563).

Pondera-se que, há grandes contradições no CP pelo fato de não haver punições para quem utilizar-se do serviço, mas somente para quem promovê-lo, porém o serviço do(a) profissional do sexo só existe por haver aí uma situação de oferta e, principalmente, de procura.

Analisa-se a existência de alguns bares que servem como pontos de encontro e casas de prostituição no Centro de Campina Grande. Alguns/algumas profissionais do sexo pagam por utilizar os pontos, ou quartos, se o local possuir. Há muitas vezes a cobrança de uma taxa quando a mesma vai mudar de ponto para que o proprietário não saia perdendo com a mudança da profissional.

Com relação ao lucro do programa, parte do mesmo é repassado ao dono do estabelecimento como pagamento pelo uso do quarto, o que caracteriza de, acordo com o Código Penal, uma prática de lenocínio, rufianismo<sup>14</sup> ou proxenetismo<sup>15</sup>, pois a coordenadora do CIPMAC afirma que:

(...)se o cara vai paga um programa de 50,00 esse 50,00 poderia ser todo para a profissional, porque é ela quem vai fazer todo o trabalho, né. E, no caso de uma casa aí já vai dividir, 30,00 vai ser para ela e 20,00 vai ser pra dona da casa. Então ela tá ganhando 20,00 reais em cima dela sem fazer nada, né. Nenhum esforço (sic).

Sobre isso Maricato (2008, p. 42) disserta que “Entre a lei e sua aplicação há um abismo que é mediado pelas relações de poder na sociedade”.

Portanto, pelo que se pode compreender durante as entrevistas e as pesquisas in lócus a prática de lenocínio ocorre como se os artigos do CP nem existissem. O que faz com que

---

<sup>14</sup> Entende-se por rufianismo uma forma de lenocínio que consiste em viver parasitariamente, à custa de prostitutas.

<sup>15</sup> Entende-se por proxenetismo uma modalidade de lenocínio que consiste em servir, como mediador, à libidinagem alheia, favorecer a prostituição, manter prostíbulos ou ter lugar destinado a fins libidinosos.

os (as) profissionais do sexo prossigam na “marginalidade”. Acerca dessa problemática da regulamentação, Roberts (1998, p.350) relata que “(...) se o comércio do sexo não fosse ilegal ou quase ilegal em toda parte, as prostitutas poderiam se organizar contra a sua exploração (...)”.

Isso vem para mostra-nos que se houvesse de fato uma regulamentação com relação a prostituição muitos problemas se extinguiriam, evidentemente que a longo prazo. Os problemas relacionados à prostituição infantil também seriam mais fáceis de evidenciar entre tantos outros. Portanto, analisa-se que estes territórios sempre estarão presentes no paisagem urbana.

## REFERÊNCIAS

- BERMAN, Marschal. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- BRASIL. **Código Penal**. São Paulo: Saraiva, 2009.
- CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens e História**. Campina Grande: EDUFPG, 2009.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: Castro, I. E.; Gomes, P. C. C.; Corrêa, R. L. C. **Geografia: conceitos e temas**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- COSTA, Rogério Haesbaert da. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- LENCIONI, Sandra. Algumas observações sobre a construção de conceito e os conceitos de cidade e urbano. In: SAQUET, M. A; SUZUKI, J. C; MARAFON, G. J. (org.). **Territorialidades e diversidades nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011.
- MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. 3ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. **O doce veneno da noite: prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950)**. Campina Grande: EDUFPG, 2008.
- PEREIRA, Armando. **Sexo e prostituição**. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1967.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.
- SANTOS, Ligia Pereira dos. **Mulher e violência: histórias do corpo negado**. Campina Grande: EDUEP, 2008.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 3ª ed. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1994.

SILVA, Jan Carlos da. O conceito de território na geografia e a territorialidade da prostituição. In: ANGELO, Miguel. **Território e prostituição na metrópole carioca**. São João De Meriti, Rio de Janeiro: Ed. Ecomuseu Fluminense, 2002.

SOGAME, Maurício. Rudimentos para o exame da urbanização em sua fase crítica: uma aproximação ao conceito de segregação socioespacial. **Geografares**, Vitória, n.2, p. 95-102, jun. 2001.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Territórios de Confrontos: Campina Grande: 1920-1945**. Campina Grande: EDUFPG, 2006.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Cartografia e Imagens da cidade: Campina Grande 1920-1945**. Tese de Doutorado em História Social, UNICAMP, Campinas, 2001.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)**. Tese de Doutorado em História, UFPE, Recife, 2002.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Castro, I. E.; Gomes, P. C. C.; Corrêa, R. L. C. **Geografia: conceitos e temas**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

VIEIRA JÚNIOR, Ary Queiroz. **A (in)eficácia das normas penais relativas ao lenocínio**. Disponível em: <<http://jusvi.com/artigos/30669>>. Acesso em: 25/07/2011.

Capa: Imagem de Henri Toulouse Lautrec. Disponível em:  
<<http://www.google.com.br/imgres?q=livro+historia+do+vestuario>>